



**Universidade Federal do Maranhão**  
**Centro de Ciências Humanas, Naturais, Saúde e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Educação Física**

**AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INCLUSÃO  
OU EXCLUSÃO?**

**Orientador:** \_\_\_\_\_

**Orientando:** \_\_\_\_\_

**Pinheiro-MA**

**2022**

**VALBER RIBEIRO COSTA FILHO**

**AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INCLUSÃO OU  
EXCLUSÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Educação Física da  
Universidade Federal do Maranhão / Campus  
Pinheiro para obtenção do Grau de Licenciado em  
Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Eder Rodrigo Mariano

**Pinheiro-MA**

**2022**

**VALBER RIBEIRO COSTA FILHO**

**AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INCLUSÃO OU  
EXCLUSÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Educação Física da  
Universidade Federal do Maranhão/Campus Pinheiro  
para obtenção do Grau de Licenciada em Educação  
Física.

A Banca Examinadora da Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentada em  
sessão pública, considerou a candidata aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Me. Eder Rodrigo Mariano (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão

---

1º Examinador  
Universidade Federal do Maranhão

---

2º Examinador  
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

COSTA FILHO, VALBER RIBEIRO.

AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INCLUSÃO OU  
EXCLUSÃO / VALBER RIBEIRO COSTA FILHO. - 2022.  
27 f.

Orientador(a): EDER RODRIGO MARIANO.

Curso de Educação Física, Universidade Federal do  
Maranhão, UFMA, 2022.

1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. 2. EXCLUSÃO. 3.  
INCLUSÃO. 4. LUTAS. 5. PRÁXIS PEDAGÓGICA. I. MARIANO,  
EDER RODRIGO. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela minha vida, por toda sabedoria adquirida e pela oportunidade de chegar até aqui.

Aos meus pais Maria Neide e Valber Ribeiro, por sempre me eninarem os caminhos certos a trilhar, minha eterna gratidão.

Meus agradecimentos aos meus amigos, por me ajudarem de forma direta e indireta na elaboração desse trabalho.

Aos meus amigos do vôlei hidrido que de alguma forma, me ajudaram na contrução desse trabalho, muito obrigado.

Sinceros agradecimentos aos meus professores, em forma de respeito e admiração por todo trabalho e mediação dos conhecimentos adquirindos durante o curso.

Em especial, ao meu orientador Eder Rodrigo Mariano, deixo meus sinceros agradecimentos pela paciência, disponibilidade e auxílio educacional que colaboraram para a finalização deste trabalho.

E por fim, a todos os meus colegas de classe que me ajudaram a trilhar esse percurso. Que Deus abençoe a todos e lhes retribua todo o bem de forma múltipla.

*“Todas as coisas cooperam para o  
bem daqueles que amam a Deus”.*

(Romanos 8:28)

## ARTIGO ORIGINAL

### AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?

Valber Ribeiro Costa Filho; Eder Rodrigo Mariano.

Universidade Federal do Maranhão; Curso de Educação Física; Pinheiro; MA.

#### RESUMO:

Estudos sobre a inclusão e exclusão no contexto da Educação Física escolar sempre foram fomentados na literatura científica; no entanto, investigações que abarquem conteúdos ainda pouco explorados, como é o caso das Lutas, ainda são escassos. Neste sentido, esta pesquisa teve como objetivo identificar, pela percepção dos alunos, qual foi o aprendizado mais significativo como efeito da práxis pedagógica sobre as Lutas na Educação Física escolar. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão com parecer número 3.212.643. A amostra foi constituída por 150 alunos do 3º ano do ensino médio. Para iniciar, os alunos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), foram autorizados pelos responsáveis com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam à pergunta central do estudo. Destaca-se que esta questão integra um inquérito mais amplo que abarca, além da dimensão social, as dimensões: educacional, cultural e motora. Para finalizar, os alunos deveriam ter frequência mínima de (75%, 8 aulas) e preencher o questionário antes e após as aulas. Foram ministrados os conteúdos de 13 modalidades de Lutas classificadas pelas ações de agarre, toque e uso de implemento (espada). Todos os alunos participaram de aula teórica seguida de prática, sobre duas modalidades de cada classificação. Após coletar as respostas nos momentos pré e pós, foi aplicada a Análise Categórica (Bardin, 2011), com a interpretação, categorização e codificação dos dados que foram inseridos no Programa *Statistical Package Software for Social Sciences (SPSS)*, versão 24.0, IBM, 2016, para análise estatística. Ao serem questionados se as aulas de Lutas poderiam causar a exclusão dos alunos, os alunos expressaram, no momento pré-intervenção, os motivos que apontam as Lutas como uma atividade excludente: a vergonha de se expor (30%), o medo de machucar (28%), os fracos sempre perdem (24%), lutar é perigoso (15,4%). Em contrapartida, evidenciamos o efeito positivo das aulas de Lutas, no momento pós, cuja percepção dos alunos revelam, que as Lutas são divertidas (20,6%), favorecem a participação de todos (32,6%), promovem a interação (46,8%). Este estudo trouxe o feedback positivo quanto a implementação das Lutas na Educação Física, sob o aspecto da inclusão social. Novas pesquisas que contemplem outros métodos, ano escolar e outras dimensões devem ser fomentadas para agregar a literatura científica acerca desta unidade temática.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, Lutas, Práxis Pedagógica, Inclusão e Exclusão.

## ABSTRACT

Studies on inclusion and exclusion in the context of school Physical Education have always been encouraged in the scientific literature; however, researches covering contents which are still little explored, as is the case of stretching, are still scarce. Therefore, this action-research aimed at identifying, through the students' perception, what was the most significant learning as an effect of the pedagogical praxis on Fighting in school Physical Education. The study was approved by the Research Ethics Committee of the Federal University of Maranhão, under opinion number 3.212.643. The sample was made up of 150 3rd grade high school students. To begin, the students signed the Free and Informed Consent Form (TAFE), were authorized by their guardians with the signature of the Free and Informed Consent Form (TCLE), and answered the central question of the study. It is noteworthy that this question is part of a broader survey that encompasses, in addition to the social dimension, the educational, cultural, and motor dimensions. To finish, the students had to have a minimum attendance of (75%, 8 classes) and fill out the questionnaire before and after classes. The contents of 13 Fighting modalities classified by the actions of grabbing, touch and use of implements (sword) were taught. All students participated in a theoretical class followed by a practical class on two modalities of each classification. After collecting the answers in the pre and post moments, Categorical Analysis (Bardin, 2011) was applied, with the interpretation, categorization and codification of the data that were entered into the Statistical Package Software for Social Sciences (SPSS), version 24.0, IBM, 2016, for statistical analysis. When asked if Fighting classes could cause the exclusion of students, the students expressed, in the pre-intervention moment, the reasons that point Fighting as an excluding activity: the shame of exposing themselves (30%), the fear of hurting (28%), the weak always lose (24%), fighting is dangerous (15.4%). On the other hand, we evidenced the positive effect of the Fighting classes, in the post moment, whose students' perception revealed, that Fighting is fun (20.6%), favors everyone's participation (32.6%), promotes interaction (46.8%). This study brought positive feedback regarding the implementation of Fighting in Physical Education, under the aspect of social inclusion. New researches that contemplate other methods, school year and other dimensions should be encouraged to add to the scientific literature about this thematic unit.

**Keywords:** School Physical Education, Fighting, Pedagogical Praxis, Inclusion and Exclusion.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 1</b> – Nível de interesse dos alunos do 3ºano do ensino médio em participar das aulas de Lutas na Educação Física escolar..... | 17 |
| <b>Gráfico 2</b> – Percepção discente sobre as aulas de Lutas e a exclusão social entre os alunos.....                                     | 18 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|      |                                                    |
|------|----------------------------------------------------|
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular                     |
| PCN  | Parâmetros Curriculares Nacionais                  |
| SPSS | <i>Statistical Package for the Social Sciences</i> |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido         |
| TALE | Termo de Assentimento Livre e Esclarecido          |

## SUMÁRIO

|                                       |           |
|---------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>              | <b>13</b> |
| <b>2 METODOLOGIA .....</b>            | <b>15</b> |
| <b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b> | <b>16</b> |
| <b>4 CONCLUSÃO .....</b>              | <b>23</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>               | <b>25</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A socialização consiste no processo pelo qual o ser humano torna-se membro efetivo de determinado grupo social, adquirindo hábitos e características específicas deste grupo, como a cultura e os valores inseridos neste grupo social. Trata-se de um processo contínuo e sem fim que se inicia por meio da imitação das falas, dos gestos e costumes dos elementos que compõem tal grupo com o intuito de estabelecer comunicação e aderir a tais condutas deste grupo (GOELLNER, 2009).

No entendimento de Setton (2008), a socialização é compreendida por uma área de pesquisa que examina o contexto das relações entre indivíduos de uma sociedade que produz, difunde e reproduz padrões de conduta, onde a socialização se concentra nas instituições enquanto raiz de uma cultura, na qual se valoriza os meios de transmissão e transformação de grupos sociais, bem como as disposições de cultura incorporadas pelos seres no percurso de suas experiências vividas.

A socialização corresponde ao conjunto dos mecanismos pelos quais os indivíduos realizam a aprendizagem das relações sociais e assimilam as normas, os valores e as crenças de uma sociedade ou de uma coletividade (BONNEWITZ, 2003). É o processo pelo qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade, designado à socialização, e socializar é impor padrões sociais à conduta individual (FORACCHI e MARTINS, 1977).

Berger e Luckmann (1966) classificam a socialização como primária por consistir no processo pelo qual o indivíduo se transforma em um membro participante da sociedade, ou seja, ele passa a se comunicar pela primeira vez com um grupo específico de pessoas, no caso, a família. Neste contexto, a socialização está envolta de intimidade, carinho e afetividade.

A socialização secundária compreende todos os processos posteriores, por meio dos quais o indivíduo é introduzido num mundo social específico, onde um ambiente de aprendizagem, seja qual for, constitui um processo de socialização secundária (BERGER e BERGER, 1987).

Esta socialização é entendida como aquisição de conhecimento de funções específicas, é acompanhada de um conjunto de variáveis como: a coerência entre os conteúdos da socialização primária e secundária; o "*status*" do corpo de conhecimento em questão no interior do universo simbólico mais amplo; o caráter parcial que envolve sua personalidade e sua fragilidade em contraste com a socialização primária, sendo que tais aspectos compõem o processo de formação do ser, no âmbito profissional, e neste contexto, em Educação Física (BERGER & LUCKMANN, 1966).

O processo de socialização está interligado à educação, Oliveira (1991), afirma que a educação visa transmitir ao indivíduo o patrimônio cultural para integrá-lo na sociedade e nos grupos em que vive. Durante o processo a participação no seio familiar, na comunidade e na escola e família, constrói-se o capital social em distintos campos (Bourdieu, 2004).

A escola, na concepção de Bourdieu (1990), consiste em um campo de conflitos e denominações características deste ambiente, com suas particularidades, exigências e organizações que são expostas a partir do capital social que lhe permite estabelecer relações de interdependência entre o campo e o *'habitus'*.

Esta via dupla entre o campo e o *'habitus'* propicia a dialética relacional entre os sujeitos desta comunidade. No instante em que se comunicam, cada membro da comunidade escolar promove, por meio de suas atitudes e comportamentos, as suas funções sociais nesta comunidade educacional.

Neste cenário, Rizzo (2017) aponta o *'capital cultural'* como fator determinante do *status* intelectual do integrante, pois revela o conhecimento técnico de diversificadas temáticas e simbologias que quando manifestadas geram afinidades que resultam na formação de grupos com saberes e interesses culturais semelhantes.

Contudo, o capital cultural apontado neste estudo refere-se ao conhecimento declarativo e processual do desporto abordado no âmbito escolar. Em outras palavras, trata-se do conhecimento teórico sobre as Lutas na EF, que envolve os fundamentos, as regras, as táticas, bem como a prática desses conhecimentos durante a aula.

É neste ensejo que se enquadra a proposta de Rizzo, Ferreira e Souza (2014) de desenvolver o aluno na sua integralidade, por meio do desporto educacional, preparando-o para atuar no campo desportivo quanto no campo social, e ainda revela o papel do professor e de sua prática pedagógica no trato do conteúdo na esfera educacional.

Entretanto, Darido (2004) afirma que é comum os professores selecionarem os alunos mais habilidosos e dê darem preferência a eles, causando um grande constrangimento, pois segundo a autora, a parcela de alunos com aptidão para o esporte é muito pequena. Diante desta realidade, Mattos e Neira (2000) contestam e exigem uma postura docente imparcial que reprove situações de preferência e favoreça a diversidade maior participação dos alunos.

As relações sociais, segundo Marivoet (2016), se ampliam em quantidade e qualidade na mesma proporção que são ofertados os acessos e os recursos para diferentes grupos sociais, e ainda ressalta a visão de Bourdieu (2004) ao afirmar o papel das trocas simbólicas e materiais, da partilha de experiências em espaços socioeconômicos similares ou distintos, com relações imprescindíveis para a configuração e repercussão da proximidade social.

A Educação Física escolar é responsável pela introdução e integração dos alunos na esfera da cultura corporal de movimento durante o processo de ensino e aprendizagem ao longo dos ciclos de escolarização (BRASIL, 2019), e neste ínterim, a inclusão e socialização desses alunos pode ser fomentada por meio das aulas Lutas. Assim, deve-se oportunizar a aplicação desta temática de modo a favorecer e ampliar as redes de sociabilidade na escola e noutros campos da vida (MARIVOET, 2016).

Neste sentido, esta investigação tem como objetivos verificar o nível de interesse pela temática e analisar o efeito da práxis pedagógica de Lutas na exclusão social, a partir da visão dos alunos no 3ºano do ensino médio, numa escola pública no município de Pinheiro (MA).

## **2 METODOLOGIA**

Este trabalho caracteriza-se por uma Pesquisa-ação, de caráter descritivo, que envolve a participação efetiva o investigador no planejamento, execução e orientação das atividades aplicadas aos alunos. O estudo revela detalhes dos fenômenos ocorridos nos dados coletados, através de inquérito por questionário, ferramenta adotada coleta de dados, e apontada por Gil (2008), como uma técnica padronizada para tal.

No que tange à ética em pesquisa, o estudo teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, com o parecer número 3.212.643 viabilizando sua concretização. Esclarecemos a todos os alunos sobre os objetivos, os procedimentos, as condições de participação e desligamento do estudo, para então, iniciarmos as primeiras ações.

Para ingressarem na pesquisa, os voluntários tiveram que afirmar seu consentimento assinando o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e recolher a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de seus responsáveis diretos, e tiveram que responder ao questionário, antes de iniciar as aulas. Para permanecerem e finalizarem o estudo, os estudantes tiveram que participar de, no mínimo, 8 encontros (75% presença) e preencher o questionário, ao término das intervenções pedagógicas; caso contrário, seriam desligados da pesquisa.

Participaram da investigação somente estudantes matriculados que cursavam regularmente o 3ºano do ensino médio, numa escola estadual de Pinheiro (MA). Dos 342 alunos que integravam as 10 turmas, buscamos atingir (45%) deste quantitativo contemplando (n=150 a 160) participantes, conforme indica Bardin (2011). Atingimos (51%) e assim, a amostra por conveniência foi composta por 168 alunos distribuídos nas turmas de número 301 a 305.

Contudo, após o cumprimento dos critérios de exclusão, 150 estudantes concluíram o estudo.

Na referida instituição educacional foi instalado um tatame de 40m<sup>2</sup>, numa sala de aula tradicional, onde ocorreram as aulas teóricas e práticas.

As aulas teóricas foram elaboradas no formato Power Point, com informações sobre a história, filosofia e técnicas expressas por meio de textos, fotos e vídeos sobre a unidade temática. Para as aulas práticas utilizou-se materiais alternativos como pregadores, balões, esponjas, aparadores, cordas. Foram confeccionadas pelos próprios alunos as espadas para as disputas com implementos.

As modalidades abordadas formam: Huka-huka, Sumô, Judô, Jiu-Jitsu, Greco-Romana (Lutas de Agarre); Capoeira, Karatê, Taekwondo, Muay-Thai, Boxe (Lutas de Percussão/Toque); e Esgrima com Sabre, Florete e Espada (Lutas com Implemento), conforme classificação de Casado (1999). Nas aulas práticas, foram aplicados os Jogos de Combate, propostos por Santos (2012), como método didático de ensino, que contemplam jogos com objetivos e regras pré-estabelecidas, e envolvem movimentos característicos das lutas e predominância da ludicidade.

Para análise dos resultados, realizou-se a Análise de Conteúdo (AC) das respostas descritivas, conforme indica Bardin (2011), composta pela pré-análise, interpretação, categorização e codificação das respostas, para então, os códigos serem inseridos no programa estatístico *Software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 24.0. 2016, sendo considerado o Índice de Confiança (IC) = 95%, ( $p=0.05$ ), para todas as respostas.

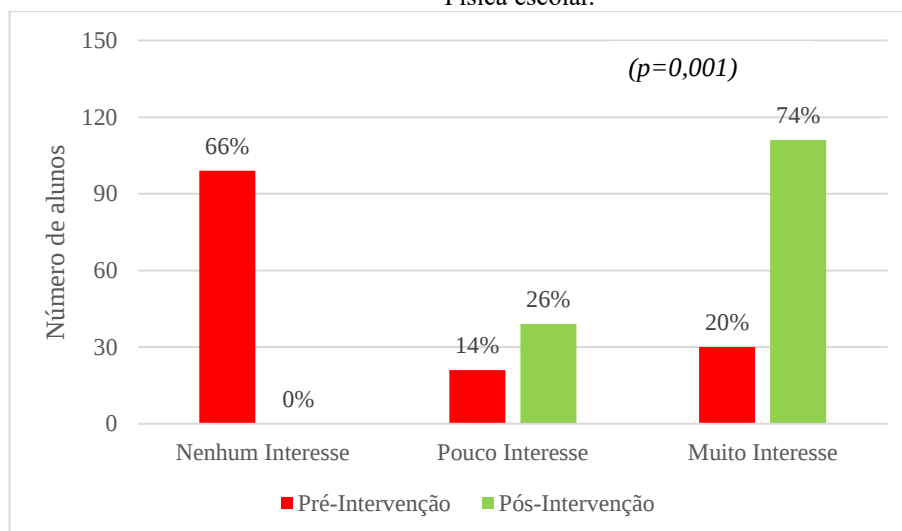
### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O gráfico 1, apresenta o nível de interesse dos alunos em participar das aulas de Lutas na Educação Física, nos distintos momentos da pesquisa, o pré e o pós-intervenção.

Os dados apontam que 99 alunos (66%) não mostraram nenhuma motivação para participar das aulas de Lutas, no momento da pré-intervenção. Apenas 21 (14%) dos alunos apresentavam pouco interesse pela temática; enquanto 30 (20%) estudantes revelaram estar bastante interessados em conhecer e vivenciar os conteúdos das Lutas.

Contudo, após a participação nas aulas constatou-se a mudança de percepção dos discentes que serão discutidos, em seguida.

**Gráfico 1.** Nível de interesse dos alunos do 3ºano do ensino médio em participar das aulas de Lutas na Educação Física escolar.



Fonte: próprio autor, 2020

Inúmeros são os fatores que podem interferir no interesse dos alunos em praticar determinada atividade física ou esportiva. Entretanto, o professor sendo o responsável pela condução da aula, pela mediação do conteúdo e orientação, exerce grande influência neste fator.

O desinteresse pelas aulas de Lutas aumenta na medida em que o professor não estabelece um vínculo entre o que se ensina e sua representatividade, o seu significado e o porquê deste aprendizado para o aluno. Fatores como a separação por sexo, a preferência pelos mais habilidosos, o tratamento desigual, tornam a aula desinteressante para o aluno (PUJOL, 2016).

Os resultados do estudo de Aniszewsk et al. (2019) evidenciaram a percepção das meninas ao atestarem que se sentem desfavorecidas por não terem as mesmas oportunidades de participação nas aulas de EF e por isso se desmotivam e se abstêm das práticas.

Há diversos fatores que interferem no (des)interesse pelas aulas de EF, contudo, o estudo de Oliveira e Sedorko (2018) revelou, através da percepção dos alunos, que a motivação está atrelada à melhora na qualidade de vida e à aprendizagem dos conteúdos relativos à biologia, à física e à saúde.

Nos primeiros contatos, os alunos apresentaram-se tímidos e ressabiados com o tema inédito. Todavia, por estarem cientes do cronograma de aulas e das respectivas modalidades que iriam conhecer, aumentava-se a expectativa, a curiosidade e o nível de interesse pela temática.

As aulas teóricas estavam repletas de ricas informações sobre as tradições, rituais e culturas dos povos de diferentes continentes e países. No campo pessoal, falou-se dos valores

e princípios éticos e morais, os comportamentos e atitudes considerados fundamentais para a formação do caráter do praticante. Nas aulas práticas adotou-se um caráter lúdico às atividades com a utilização dos jogos de oposição e as adaptações de regras, viabilizando a participação de todos, com o nível de exigência motriz condizente com a realidade observada.

Todavia, a ideia do combate dual causava dúvidas e receios nos alunos, pois havia o risco de lesão e a incerteza de estarem aptos para o combate. Mesmo assim, a resistência e a insegurança deram lugar à confiança, ao prazer e à socialização, promovendo um ambiente de aprendizagem descontraído e estimulante.

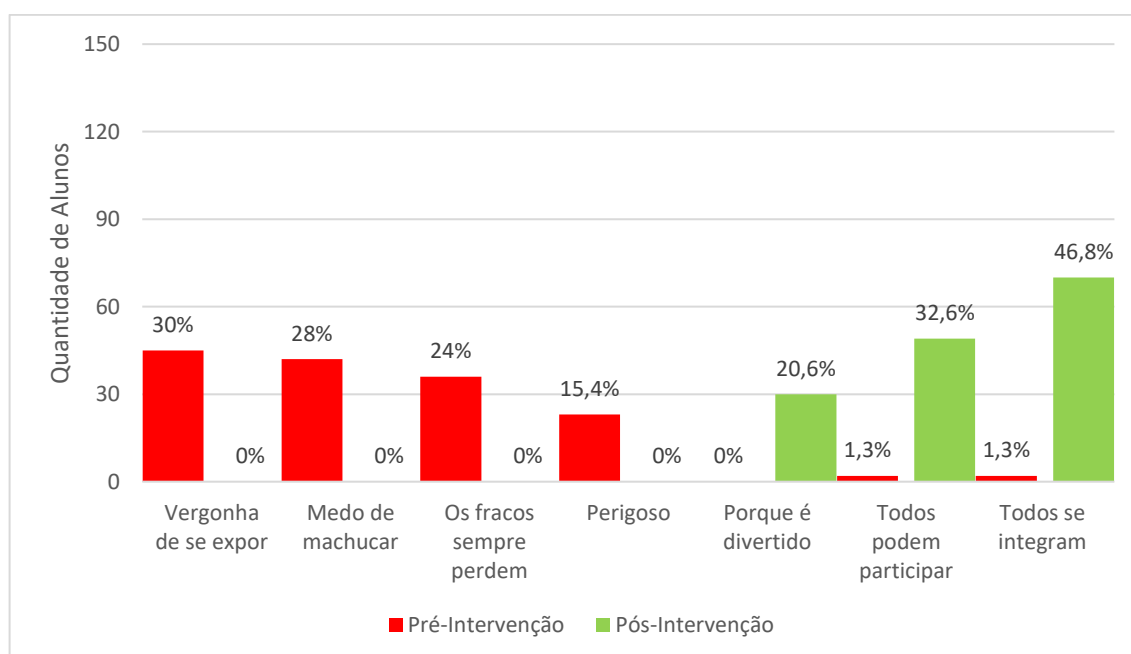
Ao final das aulas de Lutas, percebemos estatisticamente ( $p=0,001$ ), uma representação robusta de alunos ( $n=122$ , 74%) cujo grau de interesse pela unidade temática, objeto do estudo, aumentou significativamente.

Ao serem indagados se as aulas de Lutas poderiam causar a exclusão dos alunos, eles expressaram, no momento pré-intervenção, que a “vergonha de se expor” ( $n=45$ ; 30%), o “medo de machucar” (28%), os “fracos sempre perdem” (24%), é “perigoso” (15,4%) são os principais motivos que apontam as Lutas como uma atividade excludente.

Os efeitos positivos das aulas de Lutas, evidenciados no momento pós, revelam através da percepção dos alunos que as Lutas são “divertidas” (20,6%), “favorecem a participação de todos” (32,6%) e promovem a interação” (46,8%).

No gráfico 2, estão expostos os resultados obtidos após a Análise de Conteúdo e as análises estatísticas da investigação.

**Gráfico 2.** Percepção discente sobre as aulas de Lutas e a exclusão social entre os alunos



Fonte: próprio autor, 2020

Como nos mostra a gráfico 1, 45 (30%) alunos expressaram que a “vergonha de se expor” é um dos motivos de exclusão das aulas de Lutas. Para Carvalho (2009) a vergonha é tida como um sentimento (desde que se tenha sua percepção) de desconforto, podendo comprometer o relacionamento do indivíduo socialmente e seu equilíbrio interior. Trata-se de uma emoção de autoavaliação, um sentimento de insegurança, provocado pelo medo do ridículo.

Esse processo se instala a partir do momento que somos observados, julgados e sofremos comparações pelos nossos pares, ou por nós mesmos. Os sentimentos de medo, ansiedade e vergonha se associam. Dentre as situações de medo, relacionadas à exposição, o medo de fracassar em um jogo. O medo do vexame, por exemplo, leva o indivíduo a duvidar de suas capacidades, interferindo negativamente em sua atuação (LAVOURA e MACHADO, 2007).

O fator emocional surge nas manifestações espontâneas e pode levar os alunos a autoexclusão das aulas de Educação Física, devido à vergonha de se expor, vergonha por ser o menos habilidoso ou por ser diferente. O medo de errar algum exercício, o receio de enfrentar o inesperado, ou ainda, ser alvo de deboche entre os colegas acarreta desequilíbrio e desestabilização do estado emocional, interferindo no domportamento e conduta do indivíduo (MACHADO, 2006).

Nas aulas de Educação Física Escolar, os alunos sentem-se livres para demonstrar e expressar suas emoções com mais facilidade, e assim, constroem sua personalidade e manifesta sua individualidade, que outrora, foram reprimidas. Para Antunes (1993) e Gaspar (2008) quando as emoções são reprimidas, podem se transformar, muitas vezes, emoções negativas prejudicando o próprio indivíduo e sua socialização.

A vergonha de se expor pode estar vinculada ao nível de habilidade. Devide et al. (2010, P. 102) discorrem sobre a questão da habilidade motora como fator de exclusão nas aulas de Educação Física escolar, da seguinte forma:

“O grau de habilidade motora para o desporto tem sido o elemento central para a inclusão da minoria mais apta nas atividades do ponto de vista motor na EFe. Quando a habilidade motora se torna o principal critério para os discentes se organizarem em grupos na EFe torna-se uma barreira, dificultando a troca de experiências intersexo e intrassexo”. (Devide, 2020, p.102).

No resultado seguinte, O “medo de machucar” foi relatado por 49 (28%) alunos como uma forma de caracterizar as Lutas como sendo uma prática violenta que poderia causar danos físicos a si próprio e aos colegas. A visão dos alunos estava vinculada aos sentimentos de aversão à violência e isto, justifica o receio em participar.

Os relatos obtidos no estudo de Brandl, Boelhouwer e Guiosi (2018), sobre a prática do Judô, corroboram com os achados da presente pesquisa, onde os alunos afirmaram ter receio de participar das aulas práticas por vergonha ou medo de se lesionar. Contudo, eles adquiriram conhecimento com as aulas teóricas ao estudarem sobre a história e a filosofia do Judô.

Neste ponto, Da Silva, Richter e Pinto (2017) refere-se ao papel das emoções, sentimentos e relações historicamente situadas, que muitas vezes passam despercebidas nas práticas pedagógicas, e ainda nos alerta sobre a intervenção docente com a atenção na prevenção e intervenção em tais circunstâncias.

Uchoga e Altmann (2016) afirma que as tentativas de se arriscar em novos movimentos corporais nas aulas de Educação Física são distintas entre os alunos. Dentre os principais motivos estão o desconforto com movimentos considerados complexos e logo eles associam com o medo de machucar-se. Por ser uma prática inédita entre os alunos, há um receio do desconhecido que se acentua por haver o contato corporal constante.

Grosso (2005) aponta como alternativa para combater o sentimento de medo e vergonha é a utilização da ludicidade na aplicação de conteúdos sobre o Judô nas aulas de Educação Física, e ratifica com resultados positivos quanto a aderência e maior participação dos alunos.

Outro ponto de vista dos alunos acerca do efeito das aulas de Lutas e a exclusão foi a afirmação de que os “fracos sempre perdem” (n=36; 24%), e consequentemente, eles acabam se autoexcluindo da prática subjugando sua própria capacidade.

Esta resposta nos remete aos PCN (BRASIL, 1997) que nos alerta sobre a necessidade de estimularmos os alunos a se envolverem nas atividades propostas buscando um equilíbrio na interação com seus pares, onde o reconhecimento e o respeito às individualidades e capacidades físicas são cruciais, tanto quanto respeitar às características pessoais, sexuais e sociais são determinantes na formação da dignidade e solidariedade, durante as ações esportivas e recreativas.

Esta resposta nos remete à monocultura esportiva na escola, com ênfase à prática do Futsal e ao método de aplicá-lo, que se torna um fator de exclusão dos alunos menos habilidosos e das meninas que têm interesse, mas, não tem oportunidade (VIANNA e LOVISOLO, 2011).

Neste cenário, a atuação do professor de Educação Física é determinante na promoção da inclusão, principalmente, quando há diversidade de conteúdos na aula, como as Lutas, por exemplo, tendo em vista que as atividades aplicadas às Lutas favorecem a participação de todos por exigirem diferentes habilidades motoras e valências físicas que podem ser desempenhadas em quaisquer níveis de prática, tornando a atividade inclusiva.

Ao afirmarem que “os fracos sempre perdem” constata-se a importância de terem o conhecimento da filosofia do Jiu-Jitsu brasileiro, desenvolvido por Hélio Gracie que fez adaptação ao Jiu-Jitsu tradicional, utilizando sistema de alavancas fazendo com que o mais fraco consiga vencer o mais forte, e com este propósito levou o Jiu-Jitsu brasileiro a todos os continentes.

A resposta de que é “perigoso” praticar Lutas, apontada pelos alunos, apresenta um tom de preconceito, visto que, toda e qualquer atividade proposta nas aulas práticas de Educação Física apresentam um risco, porém, veremos nos discursos a seguir o posicionamento dos alunos, no momento pré: *“as meninas vão se machucar, elas são fracas e não dá pra lutar” (EVT); ‘não tem condições das meninas fazerem lutas, elas não têm força pra lutar e é muito perigoso’ (PJS); ‘rapaz, ficar se expondo para turma é ruim, ainda mais que não sabe direito, é vergonha na certa’ (LRD).*

Contudo após as práticas observamos a mudança no discurso dos meninos: *‘fiquei impressionado porque muitas meninas participaram das aulas e gostaram de lutar’ (ABT); ‘gostei de ver que tinha meninas desafiando meninos para lutar, daí eles ficaram sem jeito. Teve um que quase perdeu’ (DNM); ‘foi muito legal ver todos alunos participando junto, meninos e meninas, porque elas quase não fazem educação física’ (PRO).* As meninas se surpreenderam e expressaram dizendo: *‘não sabia que era divertido assim, foi bem legal’ (KSA); ‘pensei que ia ser chato e perigoso, mas gostei demais porque diverti muito e vi também que todos estavam alegres’ (RSO); ‘fiquei surpresa porque a turma no geral estava divertindo bastante e misturou com outros alunos de outras turmas’ (PVS).*

A inserção da Lutas na Educação Física escolar, proposta nos PCN (2001) visa levar os alunos a participar de atividades corporais reconhecendo e respeitando característica física e desempenho de si próprio e dos demais, sem nenhum tipo de discriminação por características pessoais, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade e repudiando qualquer espécie de violência (CARTAXO, 2011).

Destacamos neste momento, o efeito positivo após a participação nas aulas de Lutas, quando os alunos afirmam que Lutar foi “divertido” (20,6%, n=31). Esta afirmação nos remete a elencar a importância do professor de Educação Física no exercício da profissão no que se refere à escolha do conteúdo e o método de abordagem.

Daolio (2004) aponta o quão é essencial elencar diferentes conteúdos manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento que possibilitem a participação maciça nas aulas.

Brandl, Boelhouwer e Guiosi (2018, p. 123), afirmam que:

“Ao vivenciar brincadeiras de lutas, participaram de forma ativa e divertida, mas especialmente sem praticar atos violentos. Quando solicitados a diferenciar, a partir da demonstração de figuras, lutas de brigas, houve a compreensão de que as primeiras têm regras e não precisam ser violentas, enquanto as brigas se dão em outro contexto e normalmente são formas de demonstrar poder.”

Para Rufino (2014), é mais relevante estimular os alunos, por meio de práticas divertidas e organizadas, que os levem a discutir e compreender as Lutas com olhares voltados para a construção da cidadania. Para o autor, o professor, ao aplicar a temática Lutas, deve levar o aluno à autorreflexão e a conscientização de seus atos e comportamentos no ambiente escolar e social.

Por proporcionar momentos de descontração, diversão e enriquecimento cultural as aulas de Educação Física são as preferidas pelos alunos. Silvae Bazon (2017) e Oliveira (2020) apontam o professor como eixo central deste processo por trabalhar com diversos conteúdos e por amenizar as situações de atrito, transmitindo valores morais e éticos.

Nas aulas de Educação Física, o Judô foi o conteúdo trabalhado por meio de jogos, e como resposta, constatou-se que a expectativa dos alunos que estava associada à violência foi reduzida em virtude da diversão e descontração proporcionados pelos jogos de combate, em detrimento ao ensino específico de técnicas do Judô (So, 2020).

A última resposta do gráfico 1, nos mostra o efeito positivo das aulas de Lutas segundo a percepção de 70 (46,8%) alunos ao afirmarem que todos interagiram durante as aulas práticas, como consta nas descrições a seguir: *“Todos interagiram com todos, coisa que pouco acontece na sala de aula e demonstraram respeito com os amigos e os oponentes” (ACB);*

*“muitas vezes apesar de estudar na mesma escola ou sala, não tinha um convívio bom, e com as aulas de lutas o convívio melhorou” (TPF); “A maioria interagiu e se divertiu” (TAD).*

Nas aulas, o aluno deve ser chamado para identificar problemas, compreender os conceitos, propor e testar soluções, interagir com colegas, argumentar, expressar princípios e valores. A BNCC salienta que o professor deve exercitar a empatia, levá-los a resolver conflitos por meio do diálogo e fomentar a cooperação e o respeito com o próximo, pois dessa maneira, valoriza-se as diversidades de indivíduos e de grupos sociais (BRASIL, 2019).

Para Marivoet (2012), o desporto favorece a interação social, amplia a rede de contatos e propaga a inclusão. Os desportos de combate, por natureza, fomentam o estreitamento entre envolvidos e o contato físico estimula e fortalece o vínculo afetivo e social dos envolvidos.

Segundo Marivoet (2016), a função primordial do esporte é aproximar as pessoas e viabilizar a inclusão e a construção de relacionamentos ancorados em valores como o respeito,

interação, igualdade e aprendizagem (MARIVOET, 2012).

Apesar de ser trabalhado na escola por meio da prática esportiva, os valores adquiridos com o na prática da Educação Física escolar expandem-se para outras dimensões sociais, em particular, para a esfera familiar, para o ambiente loboral e para toda comunidade, configurando-se a socialização (MARIVOET, 2014).

No entanto, como defende Marivoet (2014), as mulheres têm vindo a apostar cada vez mais em desportos considerados masculinos, contrariando assim os estereótipos tradicionais de masculinidade. Neste sentido, o karaté é também um bom exemplo desta realidade, e por isso um aspeto a ter presente na nossa problemática.

## CONCLUSÃO

Neste estudo realizado no contexto escolar, envolvendo o eixo temático Lutas e buscamos analisar o efeito da práxis pedagógica na exclusão social, a partir da visão dos alunos no 3ºano do ensino médio, numa escola pública no município de Pinheiro (MA).

No momento inicial, os alunos apresentaram uma visão negativa das Lutas configurando que a prática sobre esse eixo causaria vergonha aos alunos por se exporem, ocasionariam lesões, e por isso o medo de se machurar ficou evidente; acreditavam ainda que as Lutas era somente para os ditos fortes, pois os fracos sempre perderiam, e pensavam ainda que as Lutas em si traziam perigo aos praticantes.

Contudo, após realizadas as aulas e analisados os resultados, observamos que houve um efeito positivo na concepção dos estudantes no que diz respeito a influência das Lutas na Educação Física escolar na promoção da exclusão entre alunos.

Ao final das intervenções pedagógicas, observamos que houve uma mudança de percepção. Os estudantes enxergaram nas Lutas uma atividade prazerosa e divertida que promove momentos de descontração e entretenimento aliados à aprendizagem.

Relataram ainda o fato das Lutas possibilitarem a participação de todos os alunos, sem discriminação, fato que aumentou o interesse deles pelas aulas durante o período de intervenção.

O resultado mais expressivo em quantidade e qualidade foi os estudantes afirmarem que as Lutas promovem a interação entre os alunos da sala, que pouco se relacionavam

Concluímos, ao final do estudo que, as Lutas aplicadas no contexto de ensino da Educação Física escolar promovem a inclusão dos alunos e quebram todo preconceito sobre a temática no âmbito das relações sociais. Podemos afirmar ainda que, as Lutas é um componente

altamente eficaz na promoção da inclusão social e que merece ser mais aplicada pelos professores nas aulas de Educação Física.

Vale destacar a necessidade de novas pesquisas com a temática Lutas no ambiente educacional formal e informal com vistas para outros vieses.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção de ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza. *As Manifestações da Emoção vivida no processo de aprendizagem da Educação Física Escolar: totalidade ininterrupta de troca e construção de experiências humanas*. 1993. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

ANISZEWSKI, E., HENRIQUE, J., OLIVEIRA, A. J., ALVERNAZ, A., & VIANNA, J. A. (2019). A (Des) motivação nas aulas de educação física e a satisfação das necessidades de competência, autonomia e vínculos sociais. *Journal of Physical Education*, 30(e3052), 1-11. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/44939/751375139954>

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edições 70. 2011.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte (1987). Socialização: como ser um membro da sociedade, em *Sociologia e Sociedade* (Org. Foracchi, Marialice M. e Martins, José de S.), R.J., Livros Técnicos e Científicos Editora, 1987: 200-214.

BERGER, Peter L.; e LUCKMANN, Thomas (1966). *The Social Construction of Reality*, Doubleday & Company, Inc. (trad. de Floriano de Souza Fernandes, *A Construção Social da Realidade*, 5ª edición, Rio de Janeiro, Vozes, 1983)

BRANDL, Carmem Elisa Henn; BOELHOUWER, Cristiane; GUIOSI, Kymberli Nadine. Práticas pedagógicas inovadoras: as lutas como conteúdo da educação física no ensino médio. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 16, n. 1, p. 89-98, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília. Disponível em: <<http://bandeiras.mec.gov.br/>> Secretaria de Ensino Fundamental, v.7, 2019.

BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 2, p. 235-246, 2013.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Vozes. 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença, contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. (2a ed.). Zouk. 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Brasiliense. 1990.

CARTAXO, Carlos Alberto. *Jogos de combate: Atividades recreativas e psicomotoras, teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARVALHO, Jacqueline. Medo e vergonha na Educação Física escolar: perspectivas da psicologia do esporte. 2009.

DAOLIO J. Educação física e o conceito de cultura. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DA SILVA, Juliana Kanareck; RICHTER, Ana Cristina; PINTO, Fabio Machado. O sentido do futebol nas aulas de educação física. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1395-1406, 2017.

DEVIDE, Fábio Pires; LIMA, Fernanda; BATISTA, Rodrigo Siqueira; RODRIGUES, Fabiana Sofia de Jesus. Exclusão intrasexo em turmas femininas na educação física escolar: quando a diferença ultrapassa a questão de gênero. In: Knijnik JD, Zuzzi RP, organizadores. Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI. Jundiaí: Fontoura; 2010. p. 87-105.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

FORACCHI, Marialice Mencarini, & MARTINS, José de Souza. *Sociologia e sociedade*. Livros Técnicos e Científicos. 1997).

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer. 2009.

GASPAR, Diego; KOGUT, Maria Cristina. Obesidade como fator de exclusão e motivação nas aulas de educação física. 2008.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. Atlas. 2008.

GRACIE, Roice. & GRACIE, Rurien. *Brazilian Jiu Jitsu: Teoria e técnica*. Ediouro. 2003.

GROSSO, Francisco. A Ludicidade como estratégia motivacional da aprendizagem de Judô para crianças na faixa etária de 4 à 12 anos. Rio de Janeiro: Desportes, 2005.

HANAUER, Fernando Cristyan. Fatores que influenciam na motivação dos alunos para participar das aulas de Educação Física. <http://www.seifai.edu.br/artigos/Fernando-MotivacaonasaulasdeEdFisica>. v. 20, p. 09-19, 2016.

LAVOURA, Tiago Nicola; ZANETTI, Marcelo Callegari; MACHADO, Afonso Antonio. Os Estados Emocionais e a Importância do Treinamento Psicológico no Esporte. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 14, n. 2, p.115-123, abr. 2008.

MARIVOET, Salomé. (2012). Inclusão social no e pelo desporto. Um desafio do século XXI. In Pinto, P. M. (Coord.). *Olímpico. Os jogos num percurso de valores e de significados*. (pp. 91-98). Afrontamento.

MARIVOET, Salomé. (2014). Inclusão social no desporto. Contributos para uma nova área de

investigação. In *VIII Congresso Português de Sociologia*. Évora, Portugal: UE.  
[https://www.associacaoportuguesasociologia.pt/viii\\_congresso/VIII\\_ACTAS/VIII\\_COM0684.pdf](https://www.associacaoportuguesasociologia.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0684.pdf)

MARIVOET, Salomé. A inclusão social através do desporto: novos desafios na intervenção social. 2016.

MACHADO, Afonso Antonio. Psicologia do Esporte da Educação Física Escolar ao Esporte de Alto Nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.a, 2006. (Educação Física no Ensino Superior).

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física na adolescência: construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte Editora, 2000.

MOREIRA, Evandro Carlos, (org.). Educação Física escolar: desafios e propostas. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2004.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. Introdução à Sociologia. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

OLIVEIRA, Paula Fernandes da Silva. Bullying: o nível de conhecimento sobre o tema por professores de educação física. *Temas em Educação Física Escolar*, v. 5, n. 2, p. 86-104, 2020

OLIVEIRA, K. Y, S; & SEDORKO, C. M. (2018). Motivação nas aulas de educação física entre alunos concluintes do ensino médio. *Revista Carioca de Educação Física*, 13(1), 25-34.  
<https://www.revistacarioca.com.br/revistacarioca/article/view/48/61>

PUJOL, L. A. P. (2016). O afastamento dos alunos das aulas de educação física no ensino médio: Estudo de caso do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Porto Alegre, RS. (Trabalho de conclusão de curso). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.  
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148521/001000432.pdf?sequence=1>

RIZZO, D. T. S. Desporto para todos ou quase todos? Considerações sobre a prática desportiva educacional. EdFAMAG. 2017.

RIZZO, D. T. S., FERREIRA, A. M. L., & SOUZA, W. C. Desenvolvimento positivo dos jovens (DPJ) através do desporto: Perspectivas em países da língua portuguesa. *Conexões*, 12(3), 106-120. 2014. [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2161/pdf\\_7](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2161/pdf_7)

RODRIGUES, David. A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. Publicado no boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física, 24/25, p. 73-81. Disponível em: < [http:// www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inicio.htm](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inicio.htm)>.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. Lutas. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Práticas corporais e a organização do conhecimento. Maringá: Eduem, 2014. v. 4 (138 p.)

SILVA, Kátia Regina Xavier; SALGADO, Sinome da Silva. Construindo culturas de inclusão nas aulas de educação física numa perspectiva humanista. *Arquivos em movimento*. Rio de

Janeiro, v. 1, n. 1, p. 45-53, jan./jun. 2005.

SILVA, Jorge Luis; BAZON, Marina. Rezende. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. *Revista Educação Especial*, v. 30, n. 59, p. 615-628, 2017.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Introdução ao tema socialização. **Boletim Soced, Rio de Janeiro**, 2008.

SO, Marcos Roberto et al. Jogo e lúdico no conteúdo lutas em aulas de educação física escolar. *Educación Física y Ciencia*, v. 22, n. 2, p. 125-125, 2020

SO, Marcos Roberto; BETTI, Mauro. Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de educação física. **Movimento**, v. 24, p. 555-568, 2022.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. A educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 2016.

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 25, p. 285-296, 2011.